

Cerne ou casca?

Capítulo 13

ARTUR CHINELATO

O carro estacionou sob a sombra de uma das poucas árvores existentes no sítio e, dele, desceram Jair e o professor coordenador do trabalho. Outros automóveis trouxeram também produtores vizinhos. 'Seu' Antônio deu boas-vindas a todos, pedindo desculpas pela simplicidade do lugar. Dona Aurora, após cumprimentar as pessoas, confessou estar muito nervosa e ansiosa com aquela visita, pois, afinal, era o futuro da família que estava em jogo. De imediato, falaram que não tinham dinheiro e que se fosse proposta a troca das vacas ou a compra de qualquer implemento agrícola ou equipamento, não haveria a mínima condição de isso se realizar. Foi uma espécie de desabafo para mostrar o quanto estavam aflitos.

O professor escutou com toda a calma e paciência do mundo, e disse que ele só viera conhecer a propriedade e, ao mesmo tempo, verificar se ela se encaixava no perfil exigido pelo trabalho, que era de uma propriedade pequena e conduzida pela família, para servir como "sala de aula". Iniciou perguntando o nome da propriedade e o nome completo de 'seu' Antônio e dos outros familiares. A seguir, quis saber qual o tamanho da área (5 ha), quantos litros de leite estavam produzindo (15 l/dia), qual a máxima produção que haviam alcançado em toda a história da propriedade (40 l/dia), se faziam controle leiteiro (não), qual era o método de reprodução das vacas (o touro "Chicão"), o que o rebanho comia ao longo do ano ('pastos' de gramão rapados e capim de beira de estrada) e qual era o sonho deles?

"Como assim?", perguntou 'seu' Antônio. "Quantos litros de leite vocês gostariam de produzir diariamente?", explicou melhor o professor. "Quanto mais, melhor!", respondeu 'seu' Antônio. "Isso não é resposta, 'seu' Antônio", falou o professor. "Quero que o sr.

transforme esse 'quanto mais, melhor', em números", complementou. 'Seu' Antônio coçou a cabeça, olhou para sua esposa e disse que se eles produzissem uns 100 litros por dia, estariam pra lá de satisfeitos, seria um sonho.

O professor disse que não sabia se eles iriam chegar a essa produção nos quatro anos estipulados pelo projeto e que isso dependeria de muita coisa, mas que era importante ter um objetivo. Falou ainda que para chegar lá, seria necessário muita dedicação de todos, inclusive dele mesmo, e que eles poderiam contar, daqui para frente, tanto com a sua ajuda quanto com a do Jair, que confirmou com cabeça. Após uma breve explicação do que era o tal projeto aos outros produtores, o visitante disse que gostaria de conhecer a propriedade.

A casa, muito simples, estava localizada numa das extremidades do sítio, próximo ao córrego. O professor quis saber se aquela

água é que abastecia a casa. 'Seu' Antônio disse que não, que a água usada pela família vinha de um poço comum. Continuaram caminhando e conversando. O professor andou por toda a propriedade e viu a quantidade de lixo espalhado pelo sítio. Observou as áreas cercadas por uma penca de arames farpados, que 'seu' Antônio erroneamente chamava-as de 'pastagens'. Constatou a condição lastimável das vacas e dos bezerros, num cenário desanimador.

Durante a caminhada, o visitante nada

comentava, apenas observava. Dona Aurora, que também acompanhava a comitiva, se incomodou com o seu silêncio e perguntou: "Está difícil, não é professor?" Antes que ele respondesse, disse, resignada: "Se o senhor quiser escolher outra propriedade, não tem importância. Eu e o Antônio sabemos que a situação aqui é muito complicada".

O professor concordou com ela quanto

ao fato de que não seria nada fácil recuperar a propriedade e torná-la produtiva, mas ficou quieto não por isso, mas, sim, por estar vislumbrando o futuro, e para isso, precisava ouvir o silêncio. Em seguida, abriu um sorriso sereno e começou a mostrar a eles uma propriedade que desconheciam, com potencialidades escondidas, cheia de possibilidades para o crescimento e um futuro promissor.

Todos os presentes se entreolharam com ar de interrogação. Um dos vizinhos sussurrou: "Esse homem é louco? O que é que ele está vendo de bom nesse caos?" 'Seu' Antônio achou que o tal professor estava mangando de sua situação e ficou nervoso: "Olha aqui, doutor, se o senhor veio até a minha propriedade para fazer graça, pode dar meia volta e ir embora". Dona Aurora concordou com o marido.

O visitante lembrou que é do meio das rochas e da terra que se extrai o ouro e as pedras preciosas. O problema das pessoas é que elas apenas olham, mas não enxergam. Explicou que não estava nem um pouco impressionado com o estado de falência do local, com a situação atual do sítio. Estava enxergando o resultado final, e o problema era como alcançá-lo.

Virou-se para o casal e propôs: "A primeira e única coisa que quero combinar com vocês nesta visita é a limpeza geral da propriedade, recolhendo tudo, até mesmo aqueles arames farpados enferrujados enterrados, que só a ponta aparece. Isso não vai custar dinheiro algum para ser feito, e o prazo é até o meu retorno, daqui a quatro meses. Será que vocês dão conta? Estou em dúvida! Até agora, só vi vocês reclamando da vida e posando de coitados. Me falaram que o senhor, 'seu' Antônio, era firme que nem aroeira. Não sei, não. Na minha avaliação, acho que dessa aroeira só sobrou a casca". 'Seu' Antônio fechou a cara, acusando o golpe, e devolveu: "Pois o senhor vai ver quando voltar..."

A cada mês, Balde Branco publica um capítulo de Sítio Esperança, texto de autoria de Artur Chinelato de Camargo, pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP.

A semelhança com pessoas, situações ou contextos encontrados em nosso meio rural não é mera coincidência.

